

Palavras-chave: emoções; xadrez; esporte.

### **Introdução: formulação da questão e apresentação do objeto**

Esse texto é resultado de uma investigação mais ampla na qual busquei analisar a formação do habitus de jogadores de xadrez, com ênfase em três aspectos: performance, corpo e emoções. No recorte aqui proposto, dedico-me a apresentar os resultados relativos ao terceiro eixo. Analiso, portanto, os discursos sobre emoções produzidas no contexto da referida modalidade esportiva, a partir de uma incursão etnográfica feita durante dois anos.

Embora se trate de um esporte que não goza de grande popularidade no país, não deixa de ser interessante destacar que há algumas referências culturais que nos fazem lembrar que o xadrez existe. Em meados de 2020, zapeando pela biblioteca de mídia da Netflix, encontro a série intitulada em português “O gambito da Rainha”. A produção baseada em um romance homônimo de Walter Tevis, conta a história de uma também órfã Elizabeth Harmon que luta para tornar-se campeã mundial em uma época em que a modalidade era dominada por homens. Harmon aprendeu a jogar xadrez no orfanato em que vivia, após observar de longe algumas vezes o solitário zelador jogar contra si mesmo no porão da instituição. Depois de muita insistência, o zelador ensinou a Harmon as regras básicas e tendo demonstrado algum talento a jovem foi apresentada a um presidente de um clube de xadrez local com quem jogou uma partida em que Harmon vencera seu oponente com xeque-mate em três lances. Quando perguntada se costumava jogar com as outras jovens do orfanato, Elizabeth respondeu: “*No, I play all in my head*”.

Outra produção com a qual me deparei nesse mesmo ano é a obra literária de Stefan Zweig, escritor austríaco de origem judaica, chamada “O livro do xadrez”. A história se passa em um navio que sai de Nova Iorque para Buenos Aires poucos anos após o fim da segunda guerra mundial. Encontrava-se a bordo Mirko Czentovic, personagem fictício, campeão mundial de xadrez que estava a caminho de mais um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)

torneio em terras argentinas. Figura “arrogante e pouco sociável” (2021, p. 6), segundo o narrador, Czentovic dispôs-se a jogar durante a viagem algumas partidas contra um grupo de cavalheiros entusiastas do jogo empenhados fervorosamente em derrotar juntos o grande mestre. Depois de algumas vitórias do mestre sem grandes dificuldades, junta-se ao grupo de competidores um desconhecido que, embora nunca tenha tido contato com um tabuleiro de xadrez, passa a sugerir lances que colocam o campeão mundial à prova.

Mais importante do que o desenrolar da trama em si, é a descrição dos principais personagens da história. Czentovic, na obra, é descrito a partir de um par oposto identitário — “gênio insólito” e “tolo enigmático”(2021, p. 11). Sua identidade é marcada de um lado por um brilhantismo no esporte — cuja origem não explicada faz o leitor acreditar que se trata de um talento inato — de outro por uma “incapacidade de escrever, em qualquer língua, uma única frase sem erros ortográficos” (ZWEIG, 2021, p. 6). Descrito como um sujeito indiferente ao mundo, “Mirko sentava-se no quarto com aquele olhar vazio de ovelha no pasto, sem o menor interesse pelos acontecimentos ao redor” (ZWEIG, 2021, p. 6). Acostumou-se a observar em silêncio e “apático”, as partidas diárias que o padre jogava com um sargento local, até que certa vez foi convidado pelo sargento para prosseguir uma partida inacabada. Para surpresa do sargento, naquela ocasião Mirko o venceu em quatorze lances.

O narrador prossegue relatando as sequências de vitórias ao longo da vida e os ganhos financeiros que o desempenho no jogo proporcionou ao prodígio, concluindo que “a consciência de ter vencido todos esses oradores brilhantes, exímios escritores, deslumbrantes no campo deles, e sobretudo o fato de ter ganhado mais dinheiro do que eles transformaram sua insegurança original num presunção fria” (ZWEIG, 2021, p. 11). Além das expressões acima que compõem a construção da personalidade do campeão mundial no enredo, constam também as ideias de que o jogador era alguém com uma “rigidez impassível”, “desumana máquina de xadrez”, “frio”, “inabalável”. Todos esses descritores remetem à imagem de um sujeito, cuja razão é imperativa prevalecentes na constituição de uma identidade de enxadrista.

É curioso notar que em ambos os personagens das narrativas, há um lugar de destaque dado aos processos da mente dos personagens, reforçando igualmente ideias de que haveria uma genialidade inexplicada determinante para os personagens nos enredos, através da descrição de um intenso exercício do pensamento, em oposição a um apagamento das outras dimensões da formação dos jogadores. Ao examinar esse material,

tornava-se praticamente inevitável se questionar justamente sobre a dimensão obliterada das emoções no terreno dos clubes de xadrez. Diante de uma hegemonia dessa representação sobre os jogadores, pergunto como se apresentam os discursos emocionais desses agentes.

Antes, faz-se necessário um comentário. Embora geralmente associado a ideia de jogo de tabuleiro e apesar de não ser uma modalidade de performance física, de um ponto de vista sociológico e institucional, o xadrez pode ser considerado esporte. Além de ser reconhecido como modalidade olímpica pelo Comitê Olímpico Internacional, possui hierarquia própria e estruturada. A Federação Internacional de Xadrez (FIDE) dispõe de 192 membros associados que organiza e universaliza os processos de ranqueamento e torneios internacionais da modalidade. Segundo dados da própria federação internacional, o Brasil registrou em 2019 um total de 5340 jogadores filiados. No Brasil, a organização dos torneios nacionais fica a cargo da Confederação Brasileira de Xadrez e das federações estaduais, incumbidas de fomentar o esporte localmente. Vinculados às federações estaduais estão os clubes de xadrez, que são entidades civis de Direito Privado, destinadas à prática do xadrez. Foi recolhendo informações sobre os clubes que integram à Federação Estadual de Xadrez do Rio de Janeiro, que chego até o Núcleo de Xadrez de Niterói, por meio de um e-mail que enviei a um professor de Niterói. Este, a quem nomeio de Cláudio, tornou-se não apenas meu professor da modalidade por alguns meses, como meu principal interlocutor e para a minha sorte, ele era também, na ocasião, diretor do Núcleo de Xadrez de Niterói (NXN), facilitando o começo do que seria o segundo momento da pesquisa, a entrada no clube.

Sendo vista na maior parte das vezes mais como enxadrista do que como antropóloga, passei a integrar a equipe do NXN participando dos estudos semanais, torneios amistosos e federados ao longo dos anos de 2021/2022 e 2023. Circular pelos diferentes ambientes do xadrez local permitiu analisar a multiplicidade dos discursos sobre emoções que emergem nesses espaços.

### **Primeiro, um comentário teórico**

Antes de iniciarmos o escrutínio mais específico dessa parte da pesquisa, é necessário estabelecer algumas bases teóricas sobre as emoções. Em outras palavras, do que falamos, quando falamos de emoções neste relato etnográfico? A necessidade desse esforço teórico preliminar reside no fato de que as emoções são objetos de estudos nas mais diferentes áreas do conhecimento e não raro há uma importação irrefletida de premissas e conclusões de determinados campos do conhecimento e também de crenças carregadas no senso comum para a Antropologia, o que pode limitar o alcance analítico sobre o objeto.

De um modo geral, nas sociedades consideradas ocidentais modernas seria difícil encontrar alguém — que não fosse estudioso do assunto — disposto a discordar da ideia de que as emoções são estados internos psicológicos (e de estreita relação com o corpo, portanto naturais) que podem ou não serem expressos por aquele que lhe é acometido. Conforme Rezende e Coelho (2010) afirmam, associada a essa ideia está também a assunção implícita ou explícita do caráter universal dos sentimentos, como se eles fossem substâncias pré-culturais que atingissem a todos igualmente da mesma forma. É possível afirmar que esses modelos referenciais de emoções em certo sentido organizam e ancoram as narrativas que encontramos em muitos espaços sociais, como na mídia, literatura, no cinema (na indústria cultural como um todo) e também nas conversas cotidianas quando falamos sobre os nossos sentimentos.

Lutz (1988) nos ajuda a entender que esse modo de operacionalizar e referenciar os processos emocionais na vida integra o que a autora chama de etnopsicologia ocidental, ou seja, um sistema de conhecimentos que tem a ver com o modo como as pessoas conceitualizam, monitoram e discutem sobre seus próprios processos mentais e dos outros, comportamentos e relações sociais e que são em si mesmos constitutivos de um grupo e um cultura. No caso da sociedade ocidental moderna, a própria história da constituição das disciplinas médicas e posteriormente psicológicas, bem como as teorias filosóficas sobre as emoções, como os escritos sobre o assunto que encontramos em Platão, Hobbes e Rousseau e outros, ajudaram a construir as etnoteorias. Esses sistemas de significados presentes na história das ideias dessas sociedades implicitamente são incorporados às visões de mundos dos agentes sociais (meus, seus e dos interlocutores que participaram da pesquisa) e sem os quais não se consegue falar sobre as emoções. Lutz conseguiu desenvolver seu argumento sobre as etnoteorias ocidentais a partir de sua investigação transcultural que punha luz sobre essas a partir do conhecimento

antropológico das etnoteorias presente entre os Ifaluk. O desafio de empreender uma Antropologia das emoções na própria sociedade da qual se participa reside no ensinamento mais elementar e ao mesmo tempo mais fundamental que a área pode nos fornecer: o estranhamento daquilo que é familiar.

Se no texto em que Velho (1999) aborda o assunto, a referência aos pares familiar e exótico é discutido em relação aos agentes sociais que podem vir a ser interlocutores da investigação, aqui, gostaria de pensar essa oposição aplicando-as aos tratamentos comunicativos que damos às emoções. Como exotizar discursos sobre emoções que podem nos ser tão familiares?

Por mais que os enxadristas sejam um grupo relativamente distante de mim e portanto “exótico”, a forma como mobilizam os significados sobre as emoções, por compartilharem do mesmo conjunto de representações e visões sobre as emoções que eu, me é em certo sentido familiar. O desafio desse trabalho está então em exotizar seus discursos sobre as emoções efetuando a partir disso uma operação de distinção entre as categorias nativas e as categorias analíticas, tarefa que embora faça parte do trabalho dos antropólogos em geral, quando se trata de interpretar as emoções na cultura da qual se faz parte, torna-se bem mais desafiadora.

Do ponto de vista teórico-metodológico há um caminho pavimentado para esse tipo de trabalho e cujas pistas já foram indicadas acima, a saber a possibilidade de tratar o tema das emoções como *discurso*. Para esse trabalho, penso que seja importante retomar ainda que de forma breve a própria formulação foucaultina para melhor explicitação daquilo em que me sustento.

Em Arqueologia do saber (FOUCAULT, 2008) encontramos as elaborações iniciais desse projeto antes de tudo metodológicas que propõe tratar os sistemas de pensamentos e conhecimentos a partir de uma formação discursiva. Nesses termos, o discurso não pode ser confundido com as enunciações e narrativas em si mesmas. Ele tampouco é o objeto sobre o qual se fala. O discurso é antes aquilo que torna possível, que organiza e que autoriza (portanto, o jogo das regras) esse mesmo conjunto de enunciados, narrativas e objetos existirem. Sendo assim, operando como uma espécie de estrutura subjacente, o discurso pressupõe e integra o dito, como o não dito, as definições dos objetos, mas também aquilo que está fora desta definição. A principal implicação disso tudo é que o discurso em última instância é produtor da realidade ou para usar os

termos foucaultianos “são práticas que formam sistematicamente os objetos de que falamos”.

Abu-Lughod e Lutz (1990) ao proporem esse modelo interpretativo, tomam como base a definição de Foucault, muito embora, elas mesmas não tenham se dedicado a desenvolver de forma mais detalhada essa articulação com as ideias do autor francês. As autoras também reconhecem que o conceito passou por ampliações de suas definições mais recentemente e que mesmo essas definições ampliadas de discurso têm servido para pensar o tema das emoções. De toda forma, tratar as emoções dentro da Antropologia nesses termos foi resultado de um processo de elaboração crítica e mudança na compreensão das emoções como estados internos para a compreensão de que aquelas são um complexo comunicativo. Estudar o discurso sobre as emoções é, na esteira de Abu-Lughod e Lutz (1990, p. 14), entendê-las como um fenômeno que pode ser visto no âmbito das interações sociais ou ainda “uma forma de ação social que tem efeitos sobre o mundo, que são lidos de um modo culturalmente informado pela audiência que fala da emoção”.

Dito de outro modo, ao contrário de visões mais essencialistas, entender as emoções a partir da ótica do discurso é compreender como elas podem interferir em um dado espaço social, se articulando a diferentes aspectos das relações — poder, conflitos, gênero, raça — que ali se estabelecem.

Rather than seeing them as expressive vehicles, we must understand emotional discourses as pragmatic acts and communicative performances. The more general interest in the social sciences in how language implements social reality coincides with the interest in how emotions are sociocultural facts (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990, p. 11)

Outro aspecto relevante nesse modelo proposto pelas autoras estadunidenses é a introdução da perspectiva contextualista. Se por um lado, quando pensamos nos discursos sobre as emoções, podemos focar nessas metanarrativas amplamente compartilhadas que encontramos nas diferentes esferas sociais e sobre as quais já falamos anteriormente, por outro, as autoras vão dizer que os discursos sobre as emoções se modelam sobremaneira a partir de contextos específicos, situações localizadas nas quais emergem novos rearranjos discursivos que nos possibilitam tensionar e questionar as definições estereotipadas sobre emoções que carregamos.

## Emoções de valência positiva no xadrez

Nos primeiros dias após a definição de que o campo desta pesquisa teria como foco enxadristas amadores, não sendo uma conhecedora nem de longe deste universo, as primeiras buscas na internet me levaram a encontrar as principais plataformas e servidores de xadrez online como o Lichess e o Chess.com. Ao compreender a extensão e importância de tais servidores, hesitei em acreditar naquele momento, que os clubes de xadrez físico fossem espaços ainda em atividade. A hipótese de que essas instituições teriam caído no ostracismo foi imediatamente descartada ao encontrar no site da federação a lista de pelo menos vinte clubes de xadrez em atividade e vinculados àquela instituição no estado do Rio de Janeiro, nos quais a cultura do xadrez físico é a que existe.

Durante o trabalho de campo, ainda que não fosse uma questão central desta pesquisa, foi possível entender, portanto, como se articulavam esses dois universos do xadrez online e do xadrez jogado no clube. A interpretação que os dados da pesquisa me permitem formular é de que, muito embora os clubes façam parte do sistema esportivo, em termos da prática enxadrística, já não seria possível separar um do outro. O xadrez jogado com o movimento das peças físicas e o xadrez jogado através de cliques no mouse ou no touchscreen do celular se misturam permanentemente, seja porque é comum buscar uma partida na internet e reproduzi-la imediatamente no tabuleiro físico, seja porque analisa-se pelo computador alguma partida jogada em torneio ou no clube, cujo registro tenha sido feito. Tenderia a afirmar que as duas formas da mesma modalidade se complementam e se retroalimentam quando se trata do aprimoramento das habilidades técnicas. Como já relatei também em outro capítulo, as próprias atividades de estudo no NXN tinham esse caráter híbrido de uso das telas e dos tabuleiros físicos.

No entanto, há dois aspectos que colocam o jogo do xadrez presencial e o online em dois patamares distintos: os valores atribuídos aos *ratings* (oficial e online) e o aspecto emocional que os torneios presenciais podem produzir, os quais parecem estar mais associados do que se imagina. Em resumo, há uma crença comum de que subir os *ratings* oficiais é uma tarefa mais difícil do que os subir *ratings* online, não apenas por aqueles serem movimentados apenas em situações de torneios federados, como pelo fato de que enfrentar um adversário presencialmente torna essa tarefa emocionalmente mais difícil

do que fazê-la através do computador. No podcast Torre na Sétima<sup>2</sup>, recomendação de um interlocutor e enxadrista do clube, um episódio que teve a participação do Mestre Nacional Daniel Brandão, o entrevistador e também enxadrista Derlei Florianovitz faz uma pergunta que trata justamente desses dois aspectos:

***Derlei:** O pessoal se impressiona e dá muito valor para o rating online...como que você vê essa questão do pessoal que se desmotiva por perderem muitas partidas online?*

***MN Daniel Brandão:** eu reconheço que tem muita gente que sente isso, de ter apreço pelo rating online, mas eu devo dizer que eu nunca tive muito isso não. Inclusive, eu tenho o hábito de baixar o rating online antes dos torneios porque eu fico jogando muito, experimentando muita coisa e eu sinto que a internet é um lugar, como se fosse um sparring, onde eu vou treinar os movimentos, onde eu vou fazer laboratórios. Então eu não acho que o rating de internet reflète a força dos jogadores de torneio. Quando eu estava no Continental lá em Montevideú, eu tive alguns insights em relação a isso [...] é um torneio que tem lá cinquenta ou sessenta GM, os melhores jogadores da América. Você tem um mar de mestres, então é um lugar que não é para brincadeira. Você sente no ar, você sente na atmosfera do torneio que tá todo mundo disposto a pular no seu pescoço, tá todo mundo lutando com muita força por cada ponto. Se você perde quatro partidas em sequência você vai pegar alguém muito forte ainda. Ninguém vai brincar nesses torneios, então você tem um ambiente mais denso. Claro que todo mundo é muito cortês, muito gentil, na parte competitiva é algo mais brutal. E quando eu fui jogar o primeiro Continental, eu percebi como é diferente a galera que é forte na internet e quem é forte de verdade. Tem uma galera que é forte na internet, mas que se entrasse em um salão desses não iria nem conseguir se concentrar direito de tão pressionado que ia ficar, tendo que se portar dentro desse ambiente. É completamente diferente do xadrez de internet que você joga em casa de pijama, no conforto da cadeira e sem ninguém olhando.*

Embora Daniel Brandão esteja se referindo especificamente ao alto nível do torneio Continental no qual participam jogadores de alta performance, discursos semelhantes sobre a “atmosfera pesada” do lugar, a “tensão” e a “adrenalina” dos torneios também foram encontrados nos relatos de alguns interlocutores desta pesquisa. Como disse anteriormente, 2020 e 2021 foram anos marcados pelos problemas decorrentes da pandemia da COVID-19. Essa situação, fez com que o calendário de torneios estaduais

---

<sup>2</sup> <https://open.spotify.com/show/4LUZU1r7byBM1BEZklGwhQ?si=69ea7d61543e4754>



tivesse que ser suspenso ou apenas parcialmente cumprido, considerando o período em que a população progressivamente se imunizava. Essa ausência de eventos suscitou muitas conversas entre os enxadristas e não era difícil que suas referências fossem acompanhadas de certo saudosismo em relação ao jogo “cara a cara” com o adversário nos torneios oficiais.

Os torneios de xadrez, portanto, podem ser considerados espaços em que se produzem e induzem emoções, as quais podem servir de motivo para os enxadristas participarem desses eventos. Nesse caso, a “tensão” ou “adrenalina” do ambiente do torneio operam dentro de uma valência positiva no contexto enxadrístico. Ao escrever essas linhas, é impossível não relembrar o trecho do meu diário de campo já registrado no capítulo sobre metodologia no qual um dos meus interlocutores e companheiro de clubes me alerta que o nível de “tensão” no torneio interclubes carioca, é tão alto que eu não deveria me assustar caso visse pessoas “saírem na porrada”, situação que pode ser lida como a extrapolação dos níveis (agradáveis e desejáveis) de tensão. Tudo indica que essa “tensão” vivida nos salões de competição é produzida porque é nesses locais que as hierarquias oficiais se movimentam e reorganizam e, portanto, geram a expectativa da produção das novas hierarquias. E como colocou o Mestre Nacional em sua entrevista, a possibilidade de viver o rearranjo dessas hierarquias diante dos adversários faz com que o discursos sobre as emoções acerca desse ponto tenha um mesmo sentido. Mas seria preciso entender com maior grau de precisão do que se trata essa tensão, ou ainda do ponto de vista nativo como as emoções se relacionam com a produção do *habitus*, foco maior de nossa análise.

### **O *rating* como regulador dos discursos sobre as emoções**

O xadrez competitivo se assenta fortemente na hierarquização objetiva dos desempenhos progressos, o *rating*. Essa categoria nativa é uma espécie de taxa de desempenho atribuída a todo jogador que joga nas plataformas online ou em torneios oficiais. Aqui, analiso como a referência aos processos emocionais individuais se organizam em torno dessa hierarquia oficial. Apresento de início relato de Tadeu, professor de matemática, com idade entre 30 e 34 anos e sócio do NXN desde 2017. Segundo ele, diante do questionamento sobre como lida com as emoções durante o jogo,

sua resposta aponto para o fato de que quanto menor o rating de seu adversário, mais nervoso ele tende a ficar nas partidas. A justificativa que deu para essa situação reside no fato de que a “obrigação da vitória” da partida recai sobre aquele jogador de maior força, o que, portanto, levaria esse jogador a um estado de “nervosismo” maior. Há uma assunção implícita e compartilhada de que ele deve sair vitorioso da partida.

*Amanda – e tem diferença jogar com alguém com rating diferente do seu?*

*Tadeu — Eu fico mais nervoso quando eu vou jogar com o jogador menos forte. É, porque ali eu tenho obrigação, entendeu? Quando eu vou jogar com jogadores que teoricamente eu tenho que ganhar, eu falo, cara, eu tenho que ganhar desse cara. Né? O outro [caso, situação em que ele é o jogador mais fraco] é mais assim, tipo, um desafio pra mim. Né? Só que eu sei que ele quer, tipo, ele quer me ganhar de qualquer forma, entendeu? Eu deixo a obrigação pra ele. (Entrevista Tadeu, 32 anos)*

Relato semelhante foi proferido durante uma entrevista online concedida à Taís Julião em seu canal da *Twitch* por Juliana Terão, uma enxadrista paulista de 32 anos, detentora do título de Mestre Internacional Feminino (WIF) que integrou a equipe feminina que participou das Olimpíadas de 2022 que aconteceu na Índia. A entrevistadora perguntou à brasileira sobre qual seria a melhor lembrança da última Olimpíada de que ela tomou parte. Juliana diz:

*A melhor lembrança foi o jogo contra a Harika<sup>3</sup>. Mas assim, não foi a partida né. Eu tava aguentando assim. Foi a última partida a terminar. A gente chegou numa condição em que tecnicamente eu estava perdida já. Mas é xadrez né. Tem o fator do tempo ali. Fator nervosismo. Eu estava fazendo a minha parte ali. “Minha filha, a GM aqui é você. Faça seu trabalho.” Eu estava só esperando o mate chegar. Eu notei que ela estava ficando nervosa e eu falei. “enquanto eu puder continuar deixando essa menina nervosa, eu fico feliz né. E ela foi ficando cada vez mais nervosa, nervosa, de repente a seta<sup>4</sup> dela caiu. E aí você vê, é uma das meninas que é melhor do mundo né. Elite né. Deve ser número 10 do mundo há bastante tempo. E assim, uma pessoa dessas também deixa a seta cair né. Acho que essa*

---

<sup>3</sup> Harika Dronavalli é uma enxadrista indiana que alcançou o título de Grande Mestre no ano de 2011.

<sup>4</sup> Seta é uma categoria nativa que corresponde ao tempo no relógio de jogo. Ao dizer que a seta de sua adversária caiu significa que ela gastou todo o tempo que tinha para pensar nos lances, resultando em derrota mesmo que a posição do tabuleiro possa ser vantajosa para ela.

*é uma grande lição* (Entrevista no canal da Twitch de Taís Julião).

A partir desses dois registros, pode-se dizer que não ter o peso da obrigação da vitória é uma condição que atenuaria a produção de discursos sobre os sentimentos de valor negativo. Em outras palavras, nas situações de torneio oficiais, os *ratings* portanto não deixam de ser um regulador da própria retórica da emoção, se terá valência positiva ou negativa. Se em um caso (uma partida) a retórica emocional pode ser da ordem do “nervosismo”, no outro ela pode estar associada às questões do “aprendizado” ou a ideia de se viver um “desafio”.

*Amanda – como é jogar contra alguém de rating diferente do seu?*

*Fernando — Eu acho maneiro, eu gosto de jogar com alguém mais forte do que eu, eu acho que é emocionante, eu acho que tipo é uma coisa que te desafia, sabe? Eu gosto de desafio, aí quando tem um desafio assim eu acho legal, principalmente quando é para jogar contra uma pessoa de rating muito mais alto. (Fernando, 28 anos, estudante)*

O discurso sobre a obrigação da vitória é um tanto comum e relativamente conhecido dentro da comunidade enxadrística, como os relatos acima deixam claro. Segundo parece, ele tem relação com o imaginário compartilhado entre eles segundo o qual a natureza do jogo dispensa fatores externos como sorte e outros aspectos considerados contingenciais que poderiam interferir no resultado. Assim, a força dos jogadores (*rating*) torna-se um indicador quase que determinante e igualmente relevante na projeção do resultado das partidas futuras. Recordo-me de uma fala de um enxadrista do clube que disse: “*o xadrez é jogado às claras, não tem como você esconder nada do seu adversário, nem ele de você*”. Tal condição imporia àquele que se submete ao jogo uma responsabilidade maior fosse pela vitória ou pela derrota. Ideia semelhante é desenvolvida por Rowson (2008) escritor e enxadrista escocês, que afirma que todo enxadrista tem uma responsabilidade existencial pelo curso do jogo, pois ambos jogadores podem ser tomados como co-criadores de uma obra que é a partida. O grau de responsabilidade nem sempre é uma coisa fácil de administrar do ponto de vista emocional.

## A dor da derrota e a honra

Para os interlocutores desta pesquisa, os significados relativos à dor dificilmente se associam ao corpo. Aqui a dor é simbólica e não uma experiência descrita como corporal. Foi conversando sobre os processos emocionais associados ao jogo que o referente dor ganhou tons significativos nos discursos, como por exemplo, na ocasião da entrevista com o Mestre Internacional do clube. Mesmo João, sendo jogador de xadrez há mais de 40 anos, tendo se tornado uma referência local para os demais jogadores pelos feitos alcançados e pelos livros publicados, ao ser perguntado sobre como as emoções interferem no jogo, João respondeu da seguinte maneira:

*Amanda – como é pra você a questão emocional no xadrez?*

*Mestre — a questão emocional é muito relevante para o jogador de xadrez porque a derrota incomoda muito o jogador né. Porque você não perde só na questão da partida, é como se você tivesse perdido uma batalha intelectual. Uma coisa que incomoda muito, né? E de um modo geral quase todos os jogadores tem problema com a derrota para se recuperar, certamente. Até os grandes jogadores com toda experiência sofrem um pouco com a derrota. É muito impactante você perder uma partida e pior é quando você perde uma partida ganha. Você tá melhor na partida toda, mas no finalzinho você comete um erro e isso conta uma história. E no meu caso, o que acontece, se eu jogo uma partida ruim de noite, eu tenho uma extrema dificuldade de dormir. Você fica com aquela coisa da partida rodando na cabeça e me atrapalha para a rodada seguinte. (Entrevista com o Mestre Internacional João)*

Pode parecer surpreendente uma declaração como essa vinda de um mestre, mas Desjarlais (2011, p. 56) em sua etnografia apontou para um horizonte muito parecido de significações mobilizada entre os enxadristas de elite. Expressões como “Uma derrota atinge direto a alma” ou ainda “O perigo não é a derrota, mas a depressão que se segue” proferidas por Grandes Mestres e retomadas pelo antropólogo francês não me parece que soariam completamente estranhas aos meus interlocutores. Ao mesmo tempo, é quase unânime a crença de que as derrotas são por excelência os momentos em que se pode extrair o maior dos aprendizados, pois sua dor daria espaço para emergência de um traço mnemônico privilegiado acerca daquela variante, aberturas ou final de jogo.

Retomo uma situação de jogo que aconteceu comigo em um torneio interclubes no ano de 2021. A situação estava completamente favorável para mim, mas ao avançar com o peão da coluna f e não efetuar a captura do bispo em g7 com esse mesmo peão, eu acabei perdendo, o que me rendeu algumas lágrimas ao final do jogo, afinal eu havia perdido uma partida ganha. Ao conversar com os colegas do clube após o traumático evento, recordo-me da orientação de um deles que me disse que, para seguir jogando as demais rodadas do torneio, eu precisaria esquecer (“deixar de lado”) momentaneamente aquela partida, mas assim que chegasse em casa eu deveria voltar a ela, pois *“analisar [a partida] no calor da emoção é o que faz a gente aprender”*.

Se uma derrota no tabuleiro pode ser importante para o aprimoramento técnico do xadrez, uma sequência delas pode, no entanto, inspirar uma saída antecipada de um torneio. Leonardo tinha entre 21 e 22 anos na época em que o conheci, dedicava-se a estudar em cursinhos para passar em concursos militares. Lá conheceu um professor de matemática que jogava xadrez muito bem. Começou aprendendo com ele, alguém que lhe parecia imbatível no tabuleiro em um primeiro momento. Como a vida de estudante de cursinho lhe ensinara, dedicação, disciplina e paciência poderiam tornar a vitória contra seu professor no tabuleiro possível. Foi essa busca que o fez procurar o NXN. Leonardo aprendeu rápido a se comportar naquele espaço social, reverenciava os enxadristas de *rating* mais alto, ao mesmo tempo em que adotava uma postura modesta junto aos mais fracos, performando junto a esses como uma espécie de professor.

Em pouco tempo — em torno de um ano — seu *rating* oficial atingiu patamares de classe B. Estava em todos os torneios e passou a ser reconhecido como jogador forte pelo grupo. Entrevistei Leonardo no dia do torneio Interior de 2022. Naquela ocasião, quando lhe perguntei se no xadrez haveria espaço para as emoções, ele respondeu que o aspecto emocional ali tem mais a ver com não se *“afobar para fazer um lance”*: *“eu vejo que às vezes eu enxergo um lance e eu quero fazer logo. E muitas vezes isso não é bom né, você tem que segurar ali “não, calma”*”.

Tempos depois, em 2023, Leonardo foi jogar mais um torneio estadual no qual não estive presente, mas acompanhei as trocas de mensagens que aconteceram pelo grupo do *Whatsapp* na ocasião do evento e mesmo Leonardo, que atribuiu um lugar muito específico às emoções na entrevista, demonstrou em outra situação de campo que há mais espaço para elas. Reproduzo a troca de mensagens abaixo:

*Julio: Quem mais tá jogando? [o torneio estadual de 2023]*

*Leonardo: Joguei. Perdi as três. Kkkkkkk. Abandonei o torneio. [resposta dada ao final do primeiro dia de competição]*

*Pedro: Também não fui bem, torneio pesado. Perdi duas e ganhei uma.*

*Otávio: Tô achando que dei sorte em não ter ido. Pqp. Torneio tá difícil hein.*

*Pedro: Eu não tô nem chateado porque eu perdi jogando bem. Acho que cheguei a ficar ganho ou melhor nas duas que eu perdi. Só tô com dificuldade para converter [em vitória]. Mas é foda isso, concordo com o Leonardo. É muito chato jogar torneio que você não tá se divertindo jogando. A gente não é profissional, se não tá sendo um negócio divertido, não faz muito sentido ir.*

*Julio [para Leonardo]: Abandona não mano, perder faz parte, a gente sempre tem a próxima partida para jogar. O importante é continuar.*

[na sequência Julio envia no grupo um link de vídeo<sup>5</sup> de um trecho do filme “Rocky Balboa” que se trata de um diálogo entre Rocky e seu filho. Dentre outras coisas, Rocky diz ao filho “*eu vou dizer uma coisa que você já sabe: o mundo não é um grande arco-íris. É um lugar sujo cruel. Vai botar você de joelhos e você vai ficar de joelhos para sempre se você deixar. Você, eu, ninguém vai bater tão duro como a vida, mas não se trata de bater duro. Se trata de quanto você aguenta apanhar e seguir em frente. O quanto você é capaz de aguentar e continuar tentando. É assim que se consegue vencer. Agora se você sabe o seu valor, vai atrás do que você merece, agora tem que ter disposição para apanhar e nada de apontar dedos dizendo que você não consegue por causa dele ou dela ou de quem quer que seja. Só covardes fazem isso e você não é covarde.*” O vídeo é seguido da mensagem de Julio: *para vocês se motivarem pras rodadas finais.*]

No fim, Leonardo prosseguiu jogando e teve melhor desempenho, conforme compartilhou no grupo junto com o registro de uma de suas partidas após o fim do último dia de competição. A dor e frustração de uma sucessão de derrotas pode ser tão avassaladora que não é incomum a decisão pelo abandono do torneio antes de seu término. Mas se por um lado essa conduta pode ser recorrente entre aqueles que não saem vitoriosos em dia de torneio, por outro ela não deixa de ser reprovada pelos jogadores quando ouvem falar de alguém que assim o fez. As trocas de mensagens reproduzidas

---

<sup>5</sup> [https://www.Youtube.com/watch?v=jF9\\_7OWogle](https://www.Youtube.com/watch?v=jF9_7OWogle) <acesso em 04 de agosto de 2023>

acima em certo sentido mostram isso, com as mensagens motivadoras dos colegas direcionadas à Leonardo. Recordo-me também do dia em que entre uma rodada e outra de um torneio na fase final, um companheiro de clube me perguntou sobre meu desempenho até aquele momento. Respondi-lhe que eu havia perdido todas até então. Esse colega replicou imediatamente *“eu admiro de verdade quem tá perdendo todas e ainda assim continua jogando”*.

Além disso, a insuportabilidade da derrota é vivida com tal intensidade que, do ponto de vista da linguagem, a metáfora do “apanhar” nas partidas é a que melhor expressa a agudeza da experiência. Recordo-me de uma situação em específico que ficou marcada em minha memória e em meu diário, pois foi uma das primeiras vezes em que ouvi essa referência em campo. Eu conversava do lado de fora da sala do clube com dois enxadristas que haviam terminado suas partidas durante um torneio U1800 amistoso. O organizador da prova daquele dia, deixou a sala para fumar seu cigarro. Ao passar por nós disse em voz baixa e em tom de brincadeira, tirando risos do meu interlocutor *“xadrez tinha que ser igual a MMA, se o cara tá apanhando muito tinha que dar um jeito de parar”*.

A mobilização frequente do sentido metafórico do verbo apanhar para se referir a derrota no tabuleiro precisa ser analisada com maior parcimônia. Recorro aos escritos de Turner (2008) sobre metáfora presentes no texto *Dramas, campos e metáforas* para defini-la. Ainda que estejamos partindo de pontos distintos da discussão uma vez que em seu texto sua preocupação está voltada para as consequências da mobilização da figura de linguagem no âmbito das análises sociais, enquanto aqui sua emergência tem natureza nativa. As definições de metáfora em que ele se baseia é o que nos interessa para começar a reflexão. Sustentando-se nas teses de Nisbet, Turner argumenta que as metáforas são mobilizadas para aproximar dois domínios de experiências em uma só imagem. Referindo-se literalmente àquele autor, trata-se de proceder do conhecido para o desconhecido.

O efeito disso, tendo a pensar, reside em um enriquecimento da significação contextual em que a metáfora é proferida. Em outras palavras e considerando os dados produzidos, o verbo “apanhar” ao ser mobilizado no âmbito de uma partida de xadrez não representa, a meu ver, um uso circunstancial ou aleatório, mas antes apresenta uma dimensão um tanto mais profunda para esses interlocutores sobre os significados de um revés em partidas. Se chegamos à conclusão sobre a profundidade dessa experiência para

enxadrista, a pergunta que permanece então é que dimensão da pessoa é ferida nessas situações? A hipótese que pretendo lançar é a de que a derrota no tabuleiro fere a honra do jogador de xadrez. E nesse ponto, embora seja importante iniciar pelas definições elaboradas por alguns autores, proponho desembocar em uma interpretação do conceito de honra articulada às próprias condições de campo de pesquisa.

Segundo Pitt-Rivers (1965), a honra pode ser em poucas palavras definida como um valor de uma pessoa sob seus próprios olhos e sob os olhos da sociedade, revelando uma relação entre os ideais de uma sociedade e a reprodução desses no agente, através de suas aspirações em personificá-lo. O autor considera haver uma espécie de circuito fechado de sua produção que parte do sentimento de honra, o qual por sua vez inspira uma conduta honrosa, que tende a receber reconhecimento social, estabelecendo-se, por fim, uma reputação materializada na concessão de honras por seus pares.

Se por um lado é o insulto ou a ofensa que podem colocar à prova a honra de um agente social em um sentido mais amplo, por outro, considerando as teses de Bourdieu (1965) a partir de sua pesquisa sobre honra na sociedade Cabila, o desafio, ou a competição pela honra também pode ter uma lógica institucionalizada, manifestando-se nos contextos dos combates ritualizados e socialmente aceitos. Segundo Bourdieu (1965, p. 166), nessa dinâmica o que está em jogo ou em disputa é o que o autor chama de *nif*, ponto de honra ou “a vontade de superar o outro num combate de homem a homem”. Aproximando as ideias de Bourdieu (1965) aos dados produzidos em campo, talvez seja possível considerar que a dureza da experiência da derrota no tabuleiro tenha suas bases fincadas justamente no ponto de honra do jogador. Colocando em operação uma forma contextual para pensar a noção de honra, haveríamos que considerar que o valor mútuo atribuído entre os enxadristas se objetiva na métrica do *rating*, como já argumentei anteriormente. Disso resulta que seguir jogando competitivamente é em última instância uma constante disposição em lutar pelo alcance ou manutenção da estima naquele espaço. A derrota que tem lugar diante dos pares, portanto, pode ser lida como o momento de enfraquecimento da honra.

No mesmo bojo analítico acerca da honra, posso trazer uma breve referência à lógica do empate no xadrez. Há basicamente algumas situações técnicas em que um jogo de xadrez pode terminar empatado que, a meu ver, é desnecessário listar aqui. Há, no entanto, uma situação em específico que se aproxima da discussão relativa à honra: trata-se do empate por comum acordo. Segundo as regras da FIDE, um jogador pode propor o



empate em qualquer momento da partida. Caso a outra parte aceite a oferta, o jogo é finalizado e declarado empatado. Acontece que para diferentes jogadores e em diferentes partidas, o empate pode ter significados distintos. Isso foi tema de uma conversa que aconteceu entre três jogadores, dois deles classe B e um Classe C e eu quando nos deslocávamos de carro de Niterói para Laranjeiras para mais um torneio no clube Hebraica. Conversávamos sobre derrotas e vitórias, quando um deles mencionou que considerava “*deselegante*” o adversário “*pedir empate toda hora*” durante a partida. O outro complementou “*é, deveria ter uma regra, um limite máximo para pedir empate. Cara, mesmo se eu estiver em posição inferior, eu não peço, não adianta.*”. O jogador classe C oportunamente retrucou dizendo: “*eu também não peço empate não, não tenho coragem*”. A falta de coragem aqui se associa não à percepção de incapacidade em tomar parte do desafio, mas sim de abandoná-lo por vias consideradas pouco nobres ou pouco honrosas, algo que poderia manchar o valor do jogador. Nas palavras de Bourdieu:

O melhor jogador é aquele que supõe sempre que o seu adversário saberá descobrir a melhor estratégia e regula o seu jogo de acordo com isso; da mesma maneira, no jogo da honra, embora o que está em jogo não seja mensurável, cada um deve considerar o outro capaz de escolher a melhor estratégia, isto é, aquela que consiste em jogar segundo as regras do código da honra. O desafio e a resposta implicam que cada antagonista escolha jogar o jogo e respeitar-lhe as regras ao mesmo tempo que postular que o seu adversário é capaz da mesma escolha. Respeito por si, respeito pela regra, respeito pelo adversário e convite ao respeito são inseparáveis (BOURDIEU, 1965, p. 166)

### **Emoções e diferenças de gênero no xadrez**

Embora as questões de gênero não fossem o foco de análise desta pesquisa à medida que eu conhecia melhor o campo, as discussões aqui empreendidas não estariam completamente distantes daquelas. Analisar os dados etnográficos sem tocar nesses pontos seria fechar os olhos para uma dimensão pungente no interior daquele campo. Por esse motivo, ainda que não seja possível o aprofundamento dessa discussão, eu avalio como relevante apresentar e analisar alguns pontos do trabalho de campo que tocam nessa relação entre a produção dos discursos emotivos e do gênero.

A necessidade de escrever sobre esse aspecto se intensificou depois de uma entrevista que foi feita com Gabriela, com idade entre 30 e 35 anos, enxadrista, professora de educação física e de xadrez, além de árbitra da federação estadual. Eu havia conhecido

Gabriela em um torneio amistoso feminino que acontecera no clube ALEX. Eu havia projetado que a entrevista teria como foco a experiência de Gabriela como jogadora, mas ao longo da conversa eu fui notando que as respostas às minhas perguntas partiam predominantemente de sua experiência como professora de xadrez. Quando conversamos sobre os aspectos emocionais, isso também não foi diferente. Embora, naquele momento eu tivesse ficado um pouco frustrada uma vez que, pelos motivos que já apresentei, a quantidade de mulheres disponíveis para participar era restrita, posteriormente na leitura das transcrições desta entrevista agrupada às outras que obtive, percebi que Gabriela me apresentava uma perspectiva bastante interessante sobre a relação das crianças com as emoções no xadrez e como isso era atravessado pelo gênero.

***Amanda** — E você acha também que tem alguma relação entre os gêneros no trato ali com as crianças, quando você tá ensinando. A questão emocional aparece de jeitos diferentes para os meninos e para as meninas que estão aprendendo o xadrez ou não?*

***Gabriela** — Aparece e eu venho trabalhando assim ao longo dos anos, tá? Com a experiência que eu tenho, não sei outras experiências por aí, que as experiências são diferentes, mas na vivência que eu tenho de chão da escola, assim de sala de aula, em todas as idades eu vejo que ela aparece, mas muito! Aí nesse caso é muito ligado ao social e ao cultural, por quê? Mais cultural até do que social porque tem uma cultura muito complexa na nossa sociedade de que a mulher joga menos do que o homem, por exemplo, né? No xadrez a gente tem isso muito latente! O pessoal fala isso do futebol, mas assim, no xadrez a gente tem isso demais! Ao ponto de você ter um desrespeito com as meninas, então, isso acontece muito, né? Da galera ficar assim, "ah, é uma menina jogando com um menino" [imitando uma fala em tom pejorativo]. Uma menina que tem a mesma idade, começaram no xadrez no mesmo tempo, mas se a menina demonstra maior aptidão, maior habilidade do que ele... "Nossa! Que coisa, que absurdo!" Isso é algo, ainda hoje, tá? No chão da escola, inadmissível. Ainda é algo que causa muita estranheza, sabe? Então isso traz também questões psicológicas e emocionais diferenciadas em relação ao gênero, né? Porque a menina vai encarar isso de uma forma, o menino vai encarar isso de outra, então a gente tem essas questões sim presentes, eu vejo muito e o nosso papel assim enquanto professor ali, mediador que também estamos aprendendo juntos com os nossos alunos, com as nossas crianças é muito desafiador nesse aspecto porque você tem que desconstruir muitas coisas e um tempo de cinquenta minutos, uma vez por semana! Não tem como, entendeu?! [risos]. É muito difícil. (Entrevista com Gabriela)*

Na visão de Gabriela, o fato de as meninas precisarem ouvir comentários depreciativos e preconceituosos que colocam em xeque suas habilidades apenas por serem mulheres, faz com que se estabeleça uma diferença entre a percepção emocional que o jogo pode suscitar para um gênero como para o outro. Eu chamo a atenção para essa fala de Gabriela, que apesar de se referir especificamente ao ensino do xadrez para crianças, parece que possui algumas similaridades quando se trata das jogadoras de clube. Quando conversei com Larissa, professora da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, 32 anos e enxadrista federada por um clube do Rio, ela enfatizou em nossa conversa a importância de “acolher” e fazer com que as mulheres primeiro “*se sintam bem*” dentro do clube, antes de simplesmente inscrevê-las nos torneios: “*a gente também recebe e acolhe meninas que não são federadas, ou seja, elas não têm uma filiação a um clube. Porque a gente tem que garantir que elas se sintam bem, se sintam confortáveis, se sintam em casa jogando xadrez pra gente poder oferecer a oportunidade de elas se federarem para que participem de torneios de dimensões maiores e qualidade técnica diversa*”. Nessa visão de que há que se criar um ambiente propício para as mulheres, parece estar contida implicitamente a ideia de que inicialmente o clube do qual ela faz parte não o é.

Por mais que tanto Gabriela, como Larissa reconheçam e reafirmem que a igualdade formal entre os gêneros seja um aspecto a ser destacado e valorizado no âmbito da modalidade, — visão, inclusive, partilhada por todos os interlocutores homens que participaram da pesquisa —, suas falas por outro lado parecem considerar haver uma desigualdade na produção das emoções. Na visão dessas enxadristas, considerando que a prática da modalidade nos clubes é historicamente masculina, percepção da qual as entrevistadas se mostram conscientes, parece haver um consenso de que é preciso uma espécie de preparação ou fortalecimento emocional junto às mulheres para que, numa batalha entre homem e mulher no tabuleiro, o peso das diferenças de gênero não gere por si só emoções que possam vir a prejudicá-las nas partidas. O relato de Carla, uma entrevistada sócia do Clube Municipal de Xadrez do Rio de Janeiro, mostra como se apresenta essa desigualdade no tabuleiro:

*Amanda – e quais eram essas situações em que você se sentia nervosa?*

*Carla — Eram duas situações que eu ficava com muito medo. Quando eu chegava no tabuleiro e quem tava na minha frente era alguém que exercia uma certa pose de dominância. Então por exemplo, eu já joguei com pessoas que usavam óculos escuros, boné e faziam uma careta. Eu me sentia intimidada com isso...eu sentia que não tava jogando de igual para igual. Pessoas que quando você vai apertar a mão, apertam muito forte...eu me sentia mal..pensava: caraca, essa pessoa vem com tudo para cima (Entrevista com Carla).*

Há um outro relato que embora não tenha sido proferido por uma enxadrista mulher, diz respeito a uma. Quem relatou a situação foi Nelson, entre uma rodada e outra de um torneio que acontecia no NXN. Ele contou que ele e sua esposa – que também é enxadrista — jogavam um torneio oficial da FEXERJ. Em uma das rodadas, sua esposa jogou contra um sujeito mais velho que apesar de mais experiente que ela no xadrez, na avaliação de Nelson, teve dificuldades em levar o jogo para a vitória. A partida, segundo ele, estava com uma posição considerada empatada e sua esposa ofereceu-lhe empate por comum acordo, mas obteve a recusa por parte do adversário. Algum tempo se passou e pela segunda vez a jogadora propôs o empate, até que dessa vez a recusa foi, segundo Nelson, em tom grosseiro. Segundo contou, ela teria ficado abalada emocionalmente a ponto de acabar “entregando” a partida. Na sequência Nelson disse que encontrou sua esposa chorando no quarto do hotel em que estavam hospedados dizendo que não queria mais jogar os torneios. Para arrematar a história, Nelson contou que jogaria e ganharia desse mesmo jogador em uma das rodadas que aconteceria no dia seguinte.

O que quero dizer com esse conjunto de episódios é que há em certo sentido uma proximidade aqui com as conclusões que Rojo (2011) chegou acerca da relação entre emoções e identidade de gênero no contexto da prática do hipismo. Do mesmo modo como no xadrez, o hipismo apresenta-se como uma modalidade esportiva que não se fundamenta em uma divisão elementar entre sexos. Tanto na modalidade de salto como de adestramento homens e mulheres competem em conjunto.

O que Rojo (2011) percebeu ao estudar a produção do gênero à luz dos discursos sobre emoções é que apesar da igualdade formal, as diferenças entre os gêneros se atualizam no interior do esporte a partir das noções de “coragem”, “medo” e “sensibilidade” atribuída a homens ou às mulheres. Em suma, na modalidade de saltos, a mais valorizada socialmente, os homens, segundo os discursos analisados, tenderiam a

escolher obstáculos mais altos devido a sua coragem, enquanto as mulheres “naturalmente” seriam mais medrosas e não ariscariam saltar as maiores alturas. Se como o autor destacou, se trata de uma situação em que os discursos sobre as emoções “constroem ou reforçam determinadas relações de poder” (ROJO, 2011, p. 55) o caso do campo enxadrístico não parece ser diferente.

Ao não só reafirmar um discurso, segundo o qual as mulheres precisam estar emocionalmente preparadas para jogar partidas de xadrez contra os homens, como apontarem para o fato de as emoções serem um fator de desequilíbrio, por mais que no ponto de vista nativo essa diferença que não seja atribuída a qualquer biologia ou natureza, não deixa de ser uma forma em que essas diferenças entre os gêneros se atualizam. De acordo com Lutz (1990), as questões emocionais tendem a emergir nos discursos daqueles socialmente subordinados. Por mais que nesse capítulo, tenha sido discutido a pluralidade de discursos relativos às emoções e como tais discursos podem reordenar novas relações de poder, neste tópico o que fica claro é a associação desvantajosa, sobretudo na prática do xadrez, entre o feminino e as emoções, justificando mais uma vez a hierarquia entre homens e mulheres.

## REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, L.; LUTZ, C. **Language and the politics of emotion**. 1ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- BOURDIEU, P. O sentimento de honra na sociedade Cabília. Em: London: The Trinity Press, 1965.
- DESJARLAIS, R. **Counterplay: an anthropologist at the chessboard**. Los Angeles, CA: University of California Press, 2011.
- FOUCAULT. **Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2008.
- LUTZ, C. **Unnatural emotions: everyday sentiments on a Micronesian Atoll & their challenge to western theory**. London: University of Chicago Press, 1988.
- LUTZ, C. Engendered emotion gender, power and the rethoric of emotional control in American discourse. Em: **Language and the politics of emotion**. 1º ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- PITT-RIVERS, J. Honor and social status. Em: London: The Trinity Press, 1965.

REZENDE, C. B.; COELHO, M. C. **Antropologia das emoções**. 1ª ed. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2010.

ROJO, L. F. A produção de gênero no hipismo à luz dos discursos sobre as emoções. Em: **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa, 2011.

ROWSON, J. **The seven deadly chess sins: scotland's youngest grandmaster discusses the most common causes of disaster in chess**. [s.l.] Gambit Publications, 2008.

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

VELHO, G. Observando o familiar. Em: **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 6ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1999.

ZWEIG, S. **O livro do xadrez**. 1ª edição ed. São Paulo, SP: Fósforo Editora, 2021.